

# Mãe só muda de endereço

Fernando C. Zelaya Albuquerque<sup>1</sup>

## Resumo

O presente texto cuida de focar o tema da naturalização da maternidade, com a finalidade de orientar os interessados nas questões de *gênero* sobre a desconstrução de preceitos acerca da feminilidade. A construção da categoria *mulher* perpassa por diversos trajetos e correntes, desde o senso comum até o feminismo radical. Aqui, de certa forma, prenderemo-nos mais à desconstrução do senso comum em relação à naturalização da mulher. Neste processo, foram utilizadas entrevistas com mulheres, em sua maioria mães, que se viram questionadas sobre os papéis sociais e naturais associados à sua vida maternal, demonstrando assim a complexidade de uma construção histórica secular acerca de sua “natureza maternal”.

**Palavras-chave:** Mulher. Natural. Maternidade. Desconstrução.

## 1 Introdução

A construção da identidade feminina, geralmente forjada em características biológicas e na celebração da maternidade, esforça-se em transformá-la num ser natural, imutável mesmo diante das transformações culturais e históricas porque passa uma sociedade. A mulher, antes mesmo das formações sociais em clãs e aldeias, sempre teve um papel vinculado a seu ferramental biológico. É bem verdade que somente a mulher tem a capacidade de gerar e amamentar um filho. Porém, será mesmo esse um papel somente biológico? Isso porque nas sociedades antigas a mulher acumulava dois papéis: o de cuidar de suas crias e o do trabalho produtor. Ao longo do tempo, essa característica biológica foi sendo imposta pela sociedade

---

<sup>1</sup> Graduado em História pelo Centro universitário de Brasília - UniCEUB. E-mail: nando-zelaya@gmail.com.

como único papel relevante da mulher, obrigando-a assim a contentar-se com um papel concernente a seus atributos fisiológicos. O que nos leva a pensar: será mesmo o amor materno um instinto feminino, inato, ou depende em grande parte de um comportamento social variável?

O senso comum, baseado em conhecimentos “biológicos”; absorveu este pensamento: quantos de nós já não ouvimos corriqueiramente a frase: “Mãe, só muda de endereço.” Parece uma citação simples, que denota puramente o amor materno. Divergimos dessa compreensão reducionista. A partir de agora, objetivaremos desconstruir essa visão simplista do papel feminino e, ao mesmo tempo, compreender o quão complexo se torna uma simples frase vinculada à questão de gênero.

Depois de consultar alguns grandes nomes do estudo de gênero<sup>2</sup>, realizamos uma análise sobre o papel da mulher na história do mundo. Após conduzirmos as pesquisas, resolvemos escutar algumas mulheres mães, para entendermos o quão penetrante essa construção ideológica se apresenta nas sociedades atuais.

## **2 “Mãe só muda o endereço”**

Ao analisarmos o título deste artigo e entendermos essa transformação da mulher em uma classe biológica, notaremos que não existem mulheres, mas sim uma classe chamada “mulher”: um ser sem escolhas, sem vontades; estaremos transformando-as em um animal recheado de instintos e vazio em termos culturais e sociais. Mas esse pensamento não é uma exclusividade do senso comum e suas “máximas sapienciais”. Concordando com Mireya Suárez (1992,p.3), quando defende em sua obra, “*Desconstrução das Categorias*”, que as teorias sociológicas modernas mostram que a categoria “mulher” se refere a uma condição dada pela natureza, ou seja, a categoria “mulher” se forja com base em características biológicas e em atitudes a ela associadas.

---

<sup>2</sup> Mireya Suarez, Carole Paterman, Tânia Swain, Joelma Rodrigues.

Isso nos leva a pensar: será mesmo a “maternagem” uma condição natural ou uma construção cultural? Levando em conta o instinto dos animais, entenderemos que não importa se o animal está em uma savana africana ou em uma mata amazônica, ele irá criar o seu filhote da mesma forma. E a mulher, será que não importa em que cultura ela esteja inserida, será que ela criará seus “filhotes” da mesma forma? Elisabeth Badinter (1985) nos mostra que o instinto materno é um mito e não há uma conduta materna universal, mas sim um vulcão de emoções humanas como outro sentimento qualquer, imperfeito e cheio de variações.

Poderíamos citar os vários exemplos existentes sobre os diferentes amores maternos ao longo da história humana, mas nos deteremos a um em especial, lembrado por Badinter (1985, p. 91). Referindo-se a famílias abastadas na Idade Média, a autora vai assinalar:

[...] a mãe conservava, junto de si, o mais velho durante a primeira infância. Amamenta-o e cuida dele pessoalmente. Mas não hesita, em enviar os outros para viver na casa de uma ama, e com ela os deixa por longos anos.

Cabe-nos imaginar esse tipo de amor materno nos dias atuais, em que uma mãe prefere um filho a outro? Ora, mas se existem amores maternos vigentes de um tempo a outro, de uma sociedade a outra, não pode ser assim um instinto, uma dádiva natural e sem variações.

Não nos cabe aqui compreender as motivações dessa preferência, mas sim entendermos que as circunstâncias maternas mudam conforme as características culturais de uma época e de acordo com a sociedade em que se vive. Podemos imaginar, nos dias de hoje, nossas mães tendo filhos imperfeitos e sacrificando –os? Pois essa prática corresponde a fato comum em algumas comunidades indígenas no Brasil<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> As Tribos Kamaiurá sacrificam os gêmeos e as Tribos Yawanawa sacrificam os imperfeitos. BONI, Ana Paula. Infanticídio põe em xeque respeito à tradição indígena. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 06 de abr. 2008.

Mas, apesar deste artigo focar a construção da “maternagem” e da naturalização da mulher, compete-nos também tratar de um assunto fundamental para essa construção que é o papel do pai. Assim, tornar-se-á minimamente possível compreender como se deu a dominação do homem perante o sexo oposto e suas influências no comportamento feminino maternal. A esse respeito, Badinter (1985, p. 25), afirma:

Para estudar a evolução das atitudes maternas e compreender-lhe as razões não basta nos atermos às estatísticas. A mãe, no sentido habitual da palavra (isto é, a mulher casada que tem filhos legítimos), é uma personagem relativa, porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. E além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que freqüentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho. Toda pesquisa sobre os comportamentos maternos deve levar em conta essas diferentes variáveis.

Essa estreita relação de poder que se estabeleceu entre o homem e a mulher ao longo da história, uma dominação cultural que atravessa os tempos, mostra-nos o poder paterno sempre acompanhado da autoridade marital. Ou seja, a figura paterna sempre está relacionada ao poder, endossa e desautoriza práticas, não só dos filhos, mas da esposa e da mãe.

Essa construção hierarquizada se inicia no nascimento da criança, ao se descobrir sua genitália, pois a partir desse momento as relações e obrigações se estreitam e se mostram bem desiguais. Não se pode ignorar, nessa divisão social, o poder ofertado ao sexo masculino, detentor do prestígio e do saber sociais.

Acerca disso, Sayão (2003, p. 122) defende que:

A simples observação dos órgãos externos ‘diagnostica’ uma condição que deve valer para toda a vida. Passamos a ser homens ou mulheres e as construções culturais provenientes dessa diferença evidenciam inúmeras desigualdades e hierarquias que se desenvolveram e vêm se acirrando ao longo da história humana.

Essas abordagens nos revelam que o sistema patriarcal estabelece o poder de um sexo sobre outro, apoiado pelo discurso em torno do natural, do religioso e até dos discursos científicos como vimos. Mas essas não são teorias e narrativas somente da filosofia moderna.<sup>4</sup>

Badinter (1988, p. 31) nos mostra ainda que ao longo da história:

Três discursos se entremeavam e se auxiliavam para justificar o princípio e os fatos dessa dominação: o de Aristóteles, que demonstrou ser a autoridade natural, o da teologia, que afirmou ser ela divina, e finalmente o dos políticos, que a pretendiam divina e natural, ao mesmo tempo.

Podemos citar ainda as formulações teóricas propostas por Freud que correspondem à constante inveja feminina do pênis, o que, “justificaria”, psicologicamente, a subordinação da mulher diante do homem (NAVARRO SWAIN, 2008, p. 5).

Mas todas essas teorias e concepções filosóficas não são tão inconsistentes e deletérias quanto ao senso comum, este que, mesmo inconscientemente, aproveitasse de todos esses discursos e os alimenta, no dia a dia, e os usa para expor todos os seus ideais machistas e preconceituosos sob as mais variadas formas. Do conjunto dessas “imperceptíveis” crueldades, destacam-se justamente essas “máximas” e até músicas que reforçam a naturalização da mulher, ente meramente procriador, subtraindo dela todas as suas características únicas, despersonalizando-a. Por fim, cabe-nos sublinhar: desacreditamos de leituras reducionistas que se ofereçam a determinar a condição de um ser humano para sempre.

Na tentativa de compreender a mentalidade de mulheres atuais, “contemporâneas”, concluímos que, infelizmente, essa mentalidade não difere muito daquelas aqui analisadas e que se associam a períodos anteriores, pois percebemos que ainda aceitam essa naturalização acerca da maternidade<sup>5</sup>. Isso só nos mostra o quão complexa e ampla é essa construção forjada no decurso de séculos de dominação.

---

4

<sup>5</sup> Conclusões verificadas na realização de um questionário realizado no período da elaboração do artigo. Onde cerca de 20 mulheres foram questionadas a respeito da maternidade, e apenas 5 delas definiu o papel de ser mãe, a um papel social e não uma dádiva divina

A grande maioria das mães escutadas se mostra confortável e até feliz ao ouvir esse dito popular: “mãe só muda de endereço” acreditando nele estar inserida. A maternidade, como representação hegemônica, corresponderia de modo persistente a uma dádiva divina e consagraria um amor além de qualquer entendimento. Essas representações naturalizadas e que se querem assentar soberanas, esforçam-se em não consentir à mulher divisar claramente a castração de sua própria identidade, convertendo-as em um ser só: *mãe*.

### **3 Considerações finais: desconstruindo um mito**

O empenho de nossa reflexão cuida de contribuir com a desconstrução, com a desmontagem desse mito em torno do amor materno. Precisamos desmobilizar essa imagem historicamente postulada e consolidada, de que o pai é o detentor do conhecimento, da cultura, da sabedoria, enquanto que a mãe já tem por si só a ternura divina, o amor, a amamentação, o carinho e o cuidado, construção essa que deriva do controle do masculino sobre o feminino e se avigora considerada a constituição de um modelo familiar, patriarcal, em que o homem corresponde ao chefe da casa e da família, detentor de todo o conhecimento e cultura. Em síntese: se a criança necessita de conselhos sábios, deve procurar pelo pai; mas se precisa de superproteção e de cuidados, a mãe deverá se apresentar sempre.

Essa visão sobre a mulher começou a ser reelaborada com a sua saída para o mercado de trabalho, ainda no fim do século XVII, e se intensificou com o advento da Revolução Industrial Inglesa e, em especial, com os movimentos feministas que passaram a exigir igualdade de condições e de oportunidades para homens e mulheres. Porém, mesmo nos dias atuais em que se observa a melhor qualificação e a maior inserção das mulheres nos campos profissionais e intelectuais, o que lhes proporcionou a ocupação de cargos de liderança e evidência nos mais diversos setores, ainda se resolvem ostensivos os preconceitos a elas direcionados.

Tânia Navarro Swain (2008, p. 7) nos mostra bem isso ao falar da homossexualização da mulher bem-sucedida. Para a autora, dedicada aos estudos de

gênero, torna-se impossível conceber uma mulher capaz de alcançar êxito profissionalmente e que não revele nenhum distúrbio relacionado à sua sexualidade. E mais uma vez esbarramos na crueldade dos ditos populares que personificam essa mulher, capaz de alcançar um patamar superior ao homem, quando escutam: “isso sim é uma mulher-macho”. Em resumo: se uma mulher se afirma na sociedade bem-sucedida profissionalmente, indiscutivelmente algo está “errado”

Todo um pensamento e uma ideologia foram orquestrados ao longo dos séculos de dominação do homem sobre a mulher: a hierarquização do corpo feminino, as construções machistas do sexo, a “bionaturalização” da mulher. Parece-nos agora necessário fazer o caminho inverso. Mas para que essa trajetória possa ser delineada e cumprida, compete-nos uma importante missão: desconstruir esse mito que nos fala do amor materno, pois a maternidade não é – e isso podemos, sim, afirmar,- uma dádiva, mas sim uma condição.

Urge assimilar que o amor materno não é e nem pode ser universal e invariável. Haja vista que a condição em que a mulher se encontra não pode invisibilizar toda uma história de vida e posicioná-la no mesmo patamar de todas as outras. Essa perspectiva de entendimento se esforça em nos fazer crer que não temos escolhas, que não temos cultura e que a mulher é, de fato, inferior aos olhos masculinos e da sociedade: devemos nos recusar a acreditar nisto.

## **Mother only changes of adress**

### **Abstract**

This text focuses on the naturalization of motherhood; with the purpose of guiding the interested in the question of genre, about the deconstruction of precepts about femininity. The construction of the category Woman crosses several streams from the common sense to radical feminism. In this paper, somewhat, we will fixate more on the deconstruction of common sense about the naturalization of woman. In this process were used interviews with women, mainly mothers who were questioned about their social and natural rolls, asso-

ciated to their maternal life. Concluding the complexity of a historical secular construction about women's "maternal nature".

**Keywords:** Woman. Natural. Maternal. Deconstruction.

### Referências

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

FIDALGO, Lurdes. *(Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FORNA, Aminatta. *Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

PATERMAN, Carole. *O contrato sexual*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SAYÃO, Débora Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 21 n.1, jan./jun. 2003.

SWAIN, Tânia Navarro. Os limites do corpo sexuado: diversidade e representação social. *Revista Labrys/Estudos Feministas*, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys13/leituras/anahita.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2010.

SUÁREZ, Mireya. *Desconstrução das categorias "mulher" e "negro"*. Brasília: mimeo, 1992.

VICENTINO, Claudio; DORIGO, Gianpaolo. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Scipione, 2002.